

Edilaine Miranda Brandão ¹
Matheus Garcia Marques Giopatto ²
Mei Hua Soares ³

O TEATRO E O LETRAMENTO COMO PRÁTICAS DE EMANCIPAÇÃO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS – EXPERIÊNCIA NO PROJETO LER

RESUMO

O presente trabalho relata uma experiência desenvolvida no âmbito do Projeto LER (projeto de extensão universitária) envolvendo letramento linguístico, social, digital e educação popular voltados para jovens, adultos e idosos em situação de alta vulnerabilidade social, incluindo pessoas em situação de rua, residentes em comunidades periféricas da cidade de São Paulo — nos bairros e comunidades de Belém, Heliópolis e Vila Prudente. O projeto busca ampliar o acesso à leitura, à escrita e às tecnologias digitais como instrumentos de emancipação, participação cidadã e transformação social. A atividade descrita consistiu na leitura dramática, pelos próprios educandos, de um texto narrando a história de Tião, um morador de rua desrespeitado ao entrar em uma cafeteria. O texto, propositalmente, não possuía desfecho, de modo que os participantes, em grupos ou individualmente, criaram finais a partir de suas reflexões e experiências. A proposta dialoga diretamente com os pressupostos da Pedagogia Freireana ao posicionar os educandos como protagonistas do processo educativo e ao transformar a sala em espaço de diálogo crítico e horizontal. Os desfechos produzidos revelaram múltiplas percepções sobre exclusão social, preconceito e dignidade, com abordagens que variaram entre o realismo crítico, o otimismo e o humor. A experiência evidenciou o potencial do teatro na educação como ferramenta de leitura de mundo, conscientização crítica e fortalecimento da autoestima, especialmente em contextos de vulnerabilidade. Assim, a integração entre leitura, expressão cênica e reflexão coletiva mostrou-se eficaz para fomentar não apenas habilidades linguísticas e artísticas, mas também a capacidade dos educandos de compreender, questionar e intervir na realidade.

Palavras-chave: Projeto Ler, Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire, Teatro na Educação, Letramento Social.

¹ Graduada do Curso de Licenciatura em História da Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP, edilainebrandao@uol.com.br;

² Graduando pelo Curso de Filosofia da Universidade Federal do ABC - UF, educacao.giopatto@gmail.com

³ Doutora em Linguagem e Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), docente do curso de Pedagogia da EFLCH-UNIFESP e supervisora pedagógica do Projeto LER-UNIFESP, em conjunto com Marineide de Oliveira Gomes (supervisora pedagógica) e Daniel Vázquez (coordenador geral).



INTRODUÇÃO

O letramento, quando compreendido como prática social relacionada à linguagem, ultrapassa a dimensão técnica da leitura e da escrita, abrangendo a capacidade de interpretar, questionar e transformar o mundo. Como afirma Freire em *A importância do ato de ler*, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2003, p. 13), ou seja, aprender a ler e escrever implica também compreender criticamente a realidade. A educação, nesse sentido, não se restringe à aquisição de competências formais, mas envolve o desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia dos sujeitos.

O teatro, por sua vez, constitui-se como uma linguagem artística e política que convoca o corpo, a voz e a coletividade para o exercício da criação e da reflexão. De acordo com Boal em *Jogos para atores e não atores*, “todos os seres humanos são atores — porque agem — e espectadores — porque observam” (BOAL, 2011, p. 9). Assim, o teatro se apresenta como uma prática libertadora que possibilita o diálogo e a transformação social, permitindo que os sujeitos se reconheçam como protagonistas de suas próprias histórias. A articulação entre teatro e letramento, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, revela-se como uma estratégia potente de formação humana e emancipatória.

Ao unir palavra e ação, texto e experiência, essa prática permite que o educando não apenas aprenda a ler o mundo, mas também a intervir nele. Este artigo apresenta uma reflexão sobre a experiência desenvolvida no Projeto Ler (Letramentos, Educação Popular e Rede Social), um projeto de extensão universitária que prevê letramento social, linguístico e digital voltado a pessoas em situação de alta vulnerabilidade, e que promoveu uma leitura dramatizada e a reinterpretação do texto “*Tião e o café*”⁴ destacando os modos pelos quais o teatro e o letramento se entrelaçam como caminhos de resistência, escuta e transformação.

⁴ Texto elaborado pela autora para leitura dramatizada com os educandos, intitulado *Tião e o Café* (2025).



1. O teatro e o letramento como práticas de emancipação

O teatro, enquanto linguagem artística, constitui-se também como uma prática de leitura de mundo que extrapola o texto escrito e incorpora a dimensão corporal, emocional e social do sujeito. De modo semelhante, o letramento, entendido como prática social da linguagem, vai além do simples domínio técnico da escrita, envolvendo também a interpretação crítica das experiências e das relações de poder que estruturam a vida cotidiana. Quando articulados, teatro e letramento criam um campo fértil para a emancipação dos sujeitos, pois favorecem a escuta, o diálogo e a reconstrução simbólica da realidade. Assim, a aprendizagem deixa de ser mera transmissão de conteúdos, como criticava Paulo Freire ao elaborar o conceito de “educação bancária” (FREIRE, 1987) e passa a configurar-se como um processo estético e político de produção de sentido e de consciência social.

Nessa perspectiva, o teatro e o letramento se aproximam por sua natureza dialógica: ambos exigem a presença ativa do sujeito na construção de significados. O ato de representar, ler e reescrever o mundo mobiliza a imaginação e a crítica, permitindo que o educando se reconheça como autor de sua própria história e possível agente de transformação.

A união entre teatro e letramento amplia as possibilidades de aprendizagem, pois ambos mobilizam a linguagem, o corpo e a escuta como meios de expressão e compreensão do mundo. Essa articulação cria um espaço de criação coletiva, no qual o conhecimento é produzido na experiência e na troca. Conforme propõe Paulo Freire (1987), o processo educativo deve possibilitar que o sujeito “leia o mundo” antes de apenas ler a palavra, desenvolvendo consciência crítica sobre sua realidade. De modo semelhante, Augusto Boal (2005) entende o teatro como um “ensaio da realidade”, onde o espectador é convidado a agir, questionar e transformar as estruturas opressoras.

Essas concepções dialogam com o pensamento do filósofo Karl Marx, que comprehende o ser humano como um ser histórico, que se constitui a partir de sua atividade prática. Para Marx, é pela ação concreta — o trabalho, a criação e a interação com o mundo — que o homem

se constitui enquanto sujeito e transforma sua realidade. O ser humano não possui uma essência

[Digite aqui]

fixa, mas se forma e se reinventa continuamente através de seus modos de agir e de produzir sentido no mundo.

[...] em Marx as relações mais singulares e imediatas com os objetos adquirem um caráter universal e genérico, porque constituem modos de desejar e consumir que se produziram ao longo da história pelo conjunto dos homens. A fome não é a fome animal – o modo como uma pessoa singular se relaciona com o seu alimento conta já com todo o desenvolvimento histórico pregresso, e possui um sentido diretamente genérico, social, e, assim, possui universalidade.” (COTRIM, 2015, p. 39)

Nessa perspectiva, o teatro e o letramento, ao integrarem corpo, linguagem e reflexão, podem ser entendidos como formas de práxis, isto é, de ação transformadora. Ao dramatizarem a história de “*Tião e o café*”, os educandos não apenas interpretaram um texto, mas também atuaram sobre ele, reconstruindo narrativas e projetando suas próprias experiências e visões de mundo. Esse movimento é, ao mesmo tempo, estético e político: ao transformar o texto, o sujeito também se transforma.

Inspirada nesses referenciais, a experiência desenvolvida no Projeto *Ler* — um projeto de letramento social, linguístico e digital que busca criar condições para que os educandos retomem suas trajetórias formativas e, futuramente, ingressem na Educação de Jovens e Adultos (EJA) formal — demonstrou que o ato de ler e encenar um texto pode se tornar um exercício de escuta, empatia e reconhecimento do outro. Ao dramatizarem “*Tião e o café*”, os educandos não apenas trabalharam leitura, oralidade e interpretação, mas também refletiram sobre valores humanos, desigualdade e respeito. O teatro, nesse contexto, funcionou como um espelho social e um convite à conscientização, permitindo que os alunos se colcassem no lugar do outro e interpretassem diferentes perspectivas sobre a dignidade e a exclusão. Além disso, a dramatização possibilitou que alguns educandos se reconhecessem na situação apresentada, relatando experiências similares vivenciadas em suas próprias vidas, o que reforçou o caráter de reflexão pessoal, coletiva e social da atividade.

A partir dessas experiências, observa-se que o teatro, quando articulado ao processo de letramento, transcende a dimensão instrumental da leitura e da escrita, alcançando uma dimensão estética e formativa mais ampla. Essa prática evidencia que aprender pode ser

[Digite aqui]

também um ato sensível e transformador, no qual o educando se reconhece como sujeito histórico e criador. Ao mesmo tempo, reafirma-se a potência do teatro como um meio de resistência simbólica, capaz de promover uma leitura crítica da realidade e de fortalecer a consciência de pertencimento e dignidade entre os participantes.

Ao compreender a dimensão estética da educação como um espaço de provocação da sensibilidade e de ampliação das formas de perceber e interpretar o mundo, ultrapassa-se a perspectiva tecnicista e reducionista do ensino. Essa concepção propõe a construção de uma nova organização educativa, híbrida, aberta e permeável às referências culturais externas, que rompa fronteiras no ato de aprender, pronunciar e intervir no mundo. Nessa direção, a reflexão freiriana de que “existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo” (FREIRE, 1987, p. 44) reafirma a importância de uma formação que une estética, ética e criticidade.

Sob essa compreensão, defende-se a necessidade de uma educação capaz de promover experiências estéticas e culturais que estimulem os educandos a pensar as possibilidades de ser, estar e agir no mundo de modo sensível e criativo. Nessa perspectiva, o teatro se revela como um potente instrumento formativo, capaz de despertar uma postura crítica e reflexiva diante das relações sociais. Conforme aponta Viganó (2006), a prática teatral resgata o diálogo com o outro, a imaginação e a criação, permitindo ao indivíduo reconhecer-se como artífice de sua própria história e como participante consciente dos processos sociais e históricos.

A prática teatral surge, então, como uma possibilidade de resgate dessa experiência em sua maior amplitude. Ao trazer à tona o diálogo com o outro, a capacidade libertária de imaginação e criação e a resolução de problemas concretos que conduzem à produção de um discurso simbólico, o teatro abre fronteiras para novas possibilidades de experiência humana e liberta a obra de qualquer caráter funcionalista. Parte, ao contrário, para um encontro do homem com a sua condição de artífice na construção de mundos e de ator consciente no processo histórico (VIGANÓ, 2006, p. 37).

A inserção em experiências artísticas no ambiente escolar promove o rompimento com posturas passivas e abre espaço para um diálogo comprometido com a vida e a justiça social. As práticas cênicas incentivam a imaginação, o trabalho coletivo, a valorização das memórias e histórias de vida dos educandos, ampliando sua capacidade de percepção e organização de [Digite aqui]





elementos para criação e expressão. Essa vivência estética proporciona uma formação integral,

contemplando aspectos cognitivos, sensíveis, corporais e culturais do adulto em sua totalidade e participação na vida social. Nesse sentido,

(...) a educação estética pode ser compreendida como relacionada ao “desenvolvimento dos sentidos de maneira mais acurada e refinada, de forma que nos tornemos mais atentos e sensíveis aos acontecimentos em volta, tomando melhor consciência deles e, em decorrência, dotando-nos de maior oportunidade e capacidade para sobre eles refletirmos” (DUARTE JR, 2001, p. 185)

Essa concepção, apresentada por Duarte Jr. (2001), reforça a função da educação estética como um meio de ampliar a percepção crítica e sensível dos educandos sobre o mundo.

Dessa forma, a articulação entre teatro e letramento, ao integrar experiências estéticas, linguísticas e sociais, evidencia que aprender vai além da aquisição de habilidades técnicas, configurando-se como um processo de construção de sentido, reflexão crítica e transformação pessoal e coletiva. As práticas artísticas, ao envolverem corpo, linguagem e memória, ampliam a capacidade dos educandos de interpretar o mundo e de se posicionar nele de maneira consciente e criativa. Nesse contexto, a disponibilidade corporal dos participantes se mostra especialmente significativa: muitos apresentam corpos menos disciplinados ou normatizados, como os descritos por Foucault (1975) em suas análises sobre instituições como prisões e hospícios. Essa característica lhes permite uma maior espontaneidade e abertura à ação teatral, enriquecendo a experiência cênica e ampliando os caminhos de percepção, análise e elaboração. Esse panorama prepara o terreno para a análise das atividades do Projeto Ler, em que a leitura dramatizada do texto *Tião e o café* funcionou como um espaço de criação artística e interpretação coletiva. A atividade permitiu que cada educando trouxesse sua própria perspectiva, expressando experiências, histórias e significados diversos, evidenciando a riqueza da pluralidade de olhares no grupo

[Digite aqui]

2. A leitura dramatizada de “Tião e o café”: múltiplos finais, múltiplos olhares

A atividade com o texto *Tião e o café* surgiu da necessidade de trabalhar de forma lúdica e reflexiva temas abordados nos encontros formativos anteriores, especialmente relacionados à cidadania, aos direitos e à aporofobia. Durante os Encontros 5 e 6, onde o tema central foi Pobreza e Aporofobia, observei comentários dos educandos que revelavam como atitudes excludentes são naturalizadas e internalizadas no cotidiano, como quando afirmavam ser “normal” desviar o caminho ao encontrar pessoas economicamente mais favorecidas ou que estabelecimentos comerciais poderiam recusar a entrada de certos clientes para “preservar a clientela”.

A partir dessas observações, percebi a oportunidade de criar um texto que refletisse essas situações reais e permitisse que os educandos, por meio de uma leitura dramatizada, explorassem de forma prática e criativa os impactos da exclusão social e do preconceito, promovendo reflexão e engajamento crítico.

O eixo da aporofobia, conceito desenvolvido pela filósofa espanhola Adela Cortina (2017), foi central para a atividade. Para a autora, a aporofobia diz respeito ao desprezo dirigido às pessoas pobres — aquelas que, real ou supostamente, não têm nada a oferecer em troca à sociedade. Essa rejeição se sustenta porque, como explica Cortina, o pobre é excluído:

“de um mundo construído sobre el contrato político, económico o social, de ese mundo del dar y recibir, em el que sólo pueden entrar los que parecen tener algo interesante que devolver como retorno (CORTINA, 2017, p. 6).”

Diferente de outras formas de discriminação, a aporofobia tende a se naturalizar, tornando a exclusão social parte do comportamento socialmente aceito. Cortina alerta ainda que a pobreza não se limita à carência material, mas representa uma restrição à liberdade de organizar a própria vida e de exercer plenamente os direitos.

[Digite aqui]



Trabalhar o eixo da aporofobia dentro do Módulo 2, voltado à cidadania e aos direitos, permitiu que os educandos identificassem e refletissem criticamente sobre atitudes de rejeição e preconceito dirigidas a pessoas em situação de vulnerabilidade econômica.

A partir dessa base reflexiva sobre cidadania, direitos e aporofobia, a prática pedagógica mostrou-se ainda mais potente durante a leitura dramatizada, momento em que os educandos se colocaram no lugar do personagem Tião, projetando suas próprias experiências e emoções nos desfechos criados. Organizados em quatro grupos, elaboraram finais singulares que refletiam valores, percepções e formas de interpretar a realidade, demonstrando como a criação artística pode funcionar como um espelho das experiências individuais e sociais. A atividade estimulou a imaginação, a reflexão crítica e a construção coletiva de sentido, revelando o potencial do teatro como espaço de autoconhecimento, expressão subjetiva e mediação de diálogos sobre exclusão, preconceito e direitos humanos.

O primeiro grupo, formado por Juliana, Carlos e Roberto, criou um final em que Tião, após ser humilhado, decide não gastar seu dinheiro na cafeteria e atravessa a rua para tomar uma pinga no Bar do Zé. Segundo Carlos, essa escolha reflete uma reação comum diante da frustração e da dor, evidenciando tanto uma leitura social da exclusão quanto a identificação pessoal do grupo com a temática.

O segundo grupo, composto por Adriano, Reinaldo e José, propôs uma alternativa mais serena: Tião mantém a calma e procura outra padaria, reagindo à violência simbólica com dignidade silenciosa. Esse final reflete o temperamento tranquilo dos integrantes e sua interpretação ética da situação.

Marco Antônio, trabalhando individualmente, produziu um desfecho humorístico e crítico: Em seu desfecho, Tião reage à humilhação com um ato de resistência firme: bate na mesa e insiste em ser atendido ali mesmo. O ápice da crítica, contudo, reside em sua provocação final: ele anuncia que irá tomar seu café e jogar o 'jogo do Tigrinho'.

[Digite aqui]



Essa ironia mordaz revela uma contradição social profunda: a recusa em aceitar o lugar de subalternidade, manifestada pela insistência em permanecer no espaço negado (a cafeteria), é seguida pela menção a um jogo de azar ilegal que simboliza a busca desesperada e ilusória por ascensão econômica. O humor, nesse caso, não dilui a crítica à opressão, mas funciona

como um poderoso instrumento de reflexão sobre a vulnerabilidade e as armadilhas sociais que se impõem aos educandos."

Por fim, Rafael elaborou um final otimista, no qual outra atendente percebe a situação e trata Tião com respeito, simbolizando o desejo coletivo por uma sociedade mais justa e empática.

Ao oferecer espaços e tempos de experiência estética integrados à formação crítica, a prática teatral permite que os educandos apropriem-se das narrativas de suas próprias vidas, contribuindo para a construção da cidadania, a reflexão sobre desigualdades sociais e a superação de situações de exclusão (PIMENTA, 1999, p. 15). Dessa forma, a leitura dramatizada de *Tião e o café* e as proposições didático-teatrais dela decorrentes revelam-se uma estratégia educativa potente, capaz de conjugar arte, letramento e reflexão ética, abrindo múltiplos olhares sobre a realidade e fortalecendo o protagonismo dos participantes.

Resultados e Discussões

A análise da leitura dramatizada de "Tião e o café" evidencia como o teatro, integrado ao letramento, constitui um espaço de construção de sentido, reflexão crítica e expressão subjetiva para os educandos adultos em situação de vulnerabilidade. Os diferentes desfechos criados pelos grupos demonstram que cada participante, a partir de suas experiências e perspectivas de vida, elaborou interpretações próprias sobre justiça, exclusão, dignidade e resistência.

O primeiro grupo revelou a dimensão emocional e afetiva da narrativa, ao criar um final em que Tião busca alívio no álcool após a humilhação. Esse desfecho evidencia como os educandos incorporam experiências vividas ou observadas, demonstrando que o teatro

[Digite aqui]





permite a reelaboração simbólica de vivências pessoais e coletivas, funcionando como espaço de elaboração emocional e crítica social e de compreensão de lógicas operantes em processos tão recorrentes, como o escapismo por intermédio do uso de substâncias que geram dependências químicas e/ou farmacológicas.

O segundo grupo produziu um desfecho sereno, no qual Tião opta por manter a dignidade e busca outra padaria. Este final evidencia a capacidade dos educandos de imaginar estratégias de enfrentamento não violentas, refletindo sobre valores como paciência, respeito e resiliência, alinhando-se com a dimensão ética da educação estética proposta por Duarte Jr. (2001) e reforçando a construção de subjetividades críticas e reflexivas.

O final humorístico e crítico elaborado por Marco Antônio demonstra como o humor pode ser uma estratégia de resistência simbólica e crítica social. A comicidade não diminui o impacto do conteúdo; ao contrário, potencializa a reflexão sobre contradições e injustiças, corroborando as ideias de Augusto Boal (2005) sobre o teatro como “ensaio da realidade”, no qual o espectador-ator questiona e transforma o mundo.

O desfecho otimista de Rafael, em que Tião é atendido com respeito, evidencia a dimensão aspiracional e projetiva do teatro, permitindo que os educandos construam cenários possíveis de justiça, empatia e inclusão social. Esse exercício revela o potencial emancipatório do teatro, ao oferecer experiências estéticas que estimulam a imaginação de mundos alternativos, reforçando a função política e pedagógica do letramento.

De forma geral, os resultados indicam que a leitura dramatizada funciona como uma ferramenta de interação entre corpo, linguagem e memória, pela qual os educandos constroem sentidos, reconhecem-se como sujeitos históricos e exercitam a capacidade de escuta, empatia e crítica social. A diversidade de desfechos reforça a ideia de que o conhecimento não é homogêneo, mas produzido na troca de experiências e na reflexão coletiva, evidenciando a potencialidade do teatro e do letramento como práticas de emancipação.

Além disso, os dados qualitativos apontam que as atividades contribuíram para a apropriação das narrativas pessoais, fortalecendo a autoestima, o protagonismo e a

[Digite aqui]



participação social dos educandos. Ao projetarem suas histórias no texto dramatizado, os educandos participaram ativamente de um processo de produção de sentido que alia aprendizagem, criação estética e formação crítica, conforme discutido por Freire (1987) e Viganó (2006).

Portanto, os resultados da experiência com “Tião e o café” corroboram a hipótese de que a articulação entre teatro e letramento oferece múltiplos caminhos para a formação integral do sujeito, permitindo que adultos em situação de vulnerabilidade acessem experiências que

vão além da dimensão instrumental da leitura e da escrita, promovendo reflexão crítica, expressão pessoal e engajamento social. Essa prática evidencia que a educação estética, quando articulada ao letramento, não apenas forma leitores e escritores, mas constrói cidadãos capazes de interpretar, questionar e intervir no mundo de forma criativa, ética e consciente.

Considerações Finais

A experiência desenvolvida no Projeto Ler evidencia que a articulação entre teatro e letramento constitui uma prática educativa capaz de promover a emancipação de educandos adultos em contextos de vulnerabilidade. Ao integrar corpo, linguagem, imaginação e memória, o teatro possibilita a construção de sentidos múltiplos sobre a realidade social, permitindo que os participantes se reconheçam como sujeitos históricos, críticos e criativos.

A leitura dramatizada de “Tião e o café” mostrou que os educandos não apenas compreenderam o texto, mas o reinterpretaram à luz de suas próprias experiências, projetando diferentes perspectivas sobre dignidade, justiça e resistência. Os diversos desfechos construídos pelos grupos demonstram que a aprendizagem, quando aliada à prática artística, transcende a dimensão instrumental da leitura e da escrita, configurando-se como um espaço de reflexão crítica, autoconhecimento e expressão subjetiva.

Além disso, a prática teatral atuou como um mediador de empatia e diálogo, promovendo a escuta ativa, a valorização das histórias de vida dos educandos e o fortalecimento da consciência social. A experiência confirma que a educação estética e o

[Digite aqui]



letramento, articulados de forma prática e significativa, podem contribuir para a superação de desigualdades, a ampliação da participação social e a construção de uma formação integral que contemple dimensões cognitivas, afetivas, corporais e culturais.

rtanto, o estudo reforça a importância de pensar a educação de jovens e adultos não apenas como aquisição de habilidades técnicas, mas como um processo estético, ético e político de formação humana. O teatro e o letramento, ao se complementarem, constituem-se como instrumentos de resistência, criação e transformação, capazes de fomentar sujeitos mais críticos, conscientes e ativos na construção de suas vidas e na organização social.

REFERÊNCIAS

- AUDI, S. L.** *A função do teatro em uma educação emancipadora*. Revista Caribeña, v. 13, n. 1, p. 567–576, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/rcssv13n1-037>. Acesso em: 18 nov. 2025.
- BOAL, Augusto.** *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BOAL, Augusto.** *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CORTINA, Adela.** *Aporofobia, el rechazo al pobre: un desafío para la democracia*. Barcelona: Paidós, 2017.
- COTRIM, Ana.** *Contribuições de Karl Marx ao problema da mimese artística*. 2015. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- DUARTE JR., João Francisco.** *O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível*. Curitiba: Criar Edições, 2001.
- FOUCAULT, Michel.** *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1975.
- FREIRE, Paulo.** *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.
- FREIRE, Paulo.** *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2003.
- PIMENTA, Selma Garrido.** *Saberes pedagógicos e atividade docente*. São Paulo: Cortez, 1999.
- VIGANÓ, Suzana Schmidt.** *As regras do jogo: a ação sociocultural em teatro e o ideal democrático*. São Paulo: Hucitec; Edições Mandacaru, 2006.

[Digite aqui]

ANEXO

Tião e o Café

Narradora (Educador):

“Em uma manhã qualquer, Tião, um homem em situação de rua, entra em uma cafeteria chique só pra tomar um café e dar uma esquentada. Mas nem todo mundo parece pronto pra lidar com os Direitos Humanos no balcão...”

Cena começa

Tião (entra sorrindo, chapéu na mão):

“Bom dia, minha gente! Tem café pra alma e pro estômago aí?”

Atendente (sem sorrir):

“Hã... senhor... este lugar é frequentado por... clientes.”

Tião (irônico):

“Ah, então eu tô no lugar certo. Tô pagando com o melhor cartão: cara de pau e coragem!”

Cliente rico(a) (interrompe):

“Esse tipo de gente devia ficar fora dos lugares decentes. Vai espantar os fregueses!”

Tião (ainda bem-humorado):

“Calma, gente... só pedi café, não pedi fiado!”

Gerente (chega bravo/a):

“Senhor, o senhor não pode ficar aqui. Temos regras.”

[Digite aqui]



Tião (mais sério agora):

“Regras que impedem alguém de se sentar e tomar um café? Ou regras que impedem quem não tem teto de existir?”

Narradora:

“E agora? Tião é retirado da cafeteria, mais uma vez tratado como se não fosse gente. Mas... será que essa história poderia acabar diferente?”

Fim da cena

(A cena termina sem solução.)

[Digite aqui]